

---

## A Favela da Matinha: Evolução Histórica e Aspectos Sócio-Econômicos.

*Adelci Figueiredo Santos\**

*Cristiane Alcântara de Jesus Santos\*\**

*Mary Cristina Santos das Chagas\*\*\**

*Sônia de Souza Mendonça Menezes\*\*\**

*“Habitar não é apenas ter casa, é ter onde morar com dignidade, alimentação, saúde, transporte, emprego, educação, cultura e lazer. É qualidade de vida e pleno exercício da cidadania.”*

(Revista Habitar, Nº 0 CONAM)

### **Introdução**

A área urbana e as edificações integram o processo de acumulação capitalista. área indispensável à vida, como a água e o ar, porém no caso do Brasil, de difícil acesso a parte considerável da população. A área urbana, espécie de capital, está em constante valorização, o que dificulta a sua aquisição, especialmente para os que vivem de pequenos salários ou são agregados ao setor informal.

A experiência mostra que, com a industrialização há abundância de mão de obra não qualificada. A concentração da terra e a ausência do trabalho e emprego estimulam o deslocamento de homens e famílias para as cidades principalmente as capitais, à procura de melhores condições de vida. Mas o mercado difícil, precário não absorve a mão de obra disponível.

---

\*Prof. Doutor visitante do NPGEU/UFES.

\*\*Mestranda do NPGEU.

\*\*\*Mestrandas do NPGEU e professores da rede Estadual de Ensino

A aceleração do processo urbanização/industrialização cria problemas, dramas e dificuldades sociais, grande parte da população não tem acesso a moradia, passa a ocupar áreas periféricas com infra-estrutura precária sem equipamentos necessários.

Morar é necessidade vital, prioritária. É preciso que indivíduos e famílias tenham onde habitar. Desatendidas tais exigências, o resultado dentre outros são as *invasões* e favelas que preocupam governantes e humilha governados.

Recentes ocupações de grandes áreas urbanas mostram o intenso processo de favelização que as cidades vivem, fenômeno agravado a partir dos anos 70.

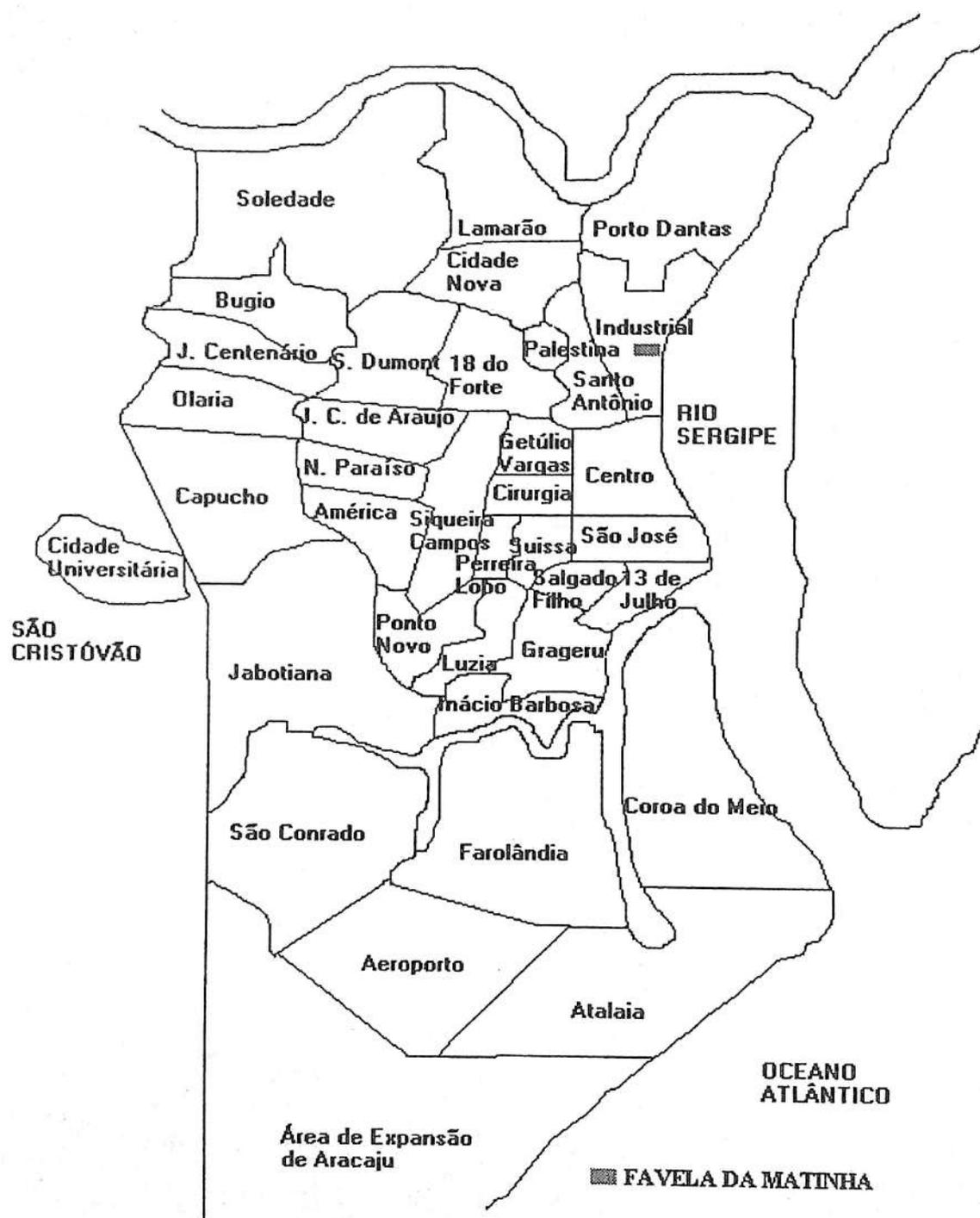
Luta-se pelo direito à habitação, luta que envolve principalmente marginalizados, desempregados, migrantes que habitam de início pequenas casas alugadas, próximas do emprego e serviços urbanos. Com o aumento do desemprego e a desvalorização do salário, muitos não conseguem pagar o aluguel, ficam inadimplentes, enfrentam o vexame do despejo. Há os que, no desespero procuram um lote barato na periferia ou invadem áreas disponíveis abandonadas pelo poder público e por particulares.

## **A Matinha: seu processo de ocupação**

A favela da Matinha, situada na história, lembra o começo de Aracaju, a nova Capital da Província de acordo com a Resolução nº 413, de 17/03/1855 de Inácio Joaquim Barbosa, patrocinada por João Gomes de Melo, Barão de Maroim. A nova Capital de Sergipe – escreve FIGUEIREDO – “*é capital sem calçamento, limpeza, água potável, iluminação pública, transporte, capital sabidamente pantanosa, feia, triste, inabitável, pobres e desempregados tomam conta dela, cobrem Aracaju de casas de palha*”. (1986 p. 126).

A Matinha ocupa terreno de propriedade da Sol Construtora Empreendimentos LTDA, está localizada à Zona Norte de Aracaju, no Bairro Industrial na margem direita do Rio Sergipe (Figura 1).

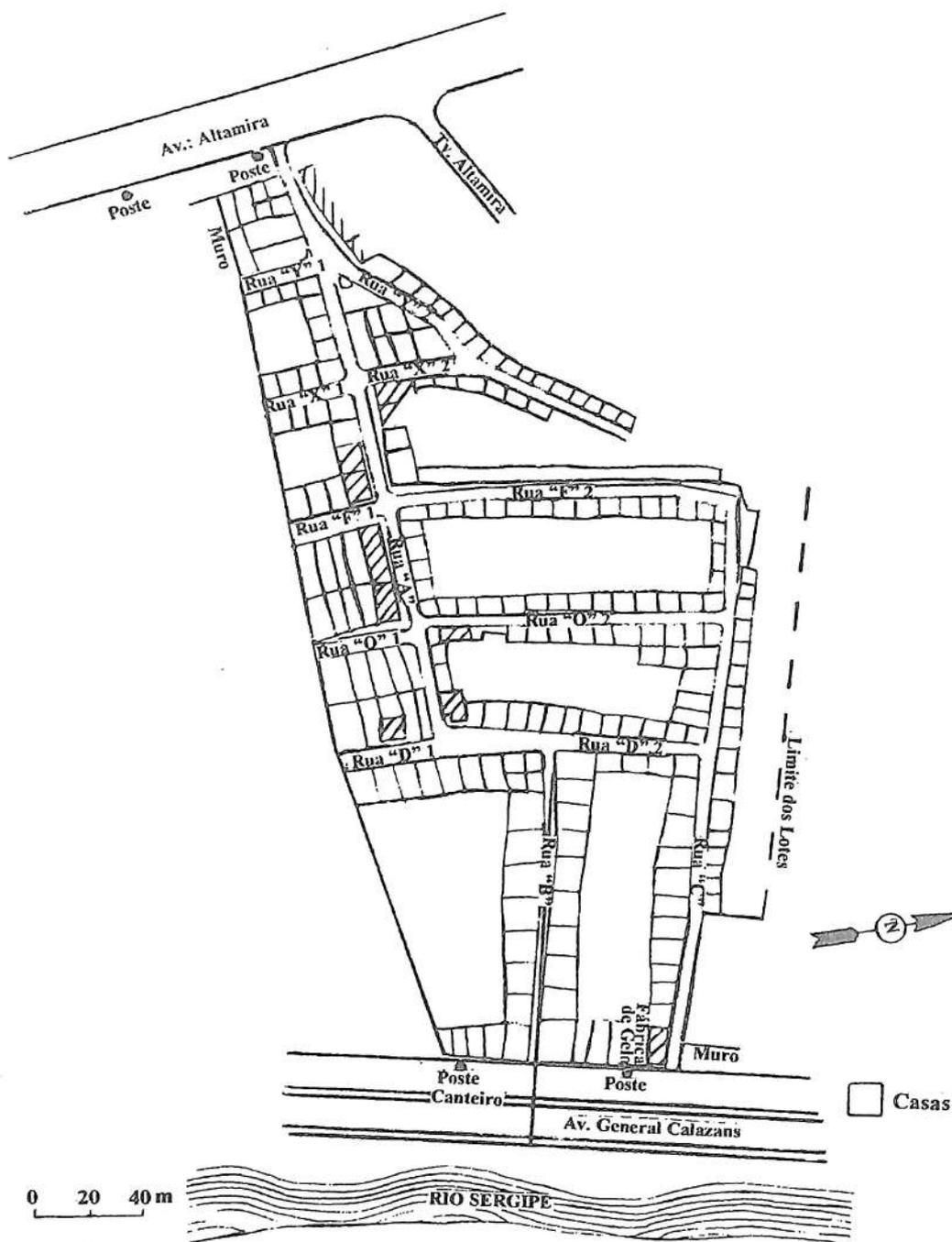
**Figura 1**  
**BAIRROS DE ARACAJU**



**FONTE: EMURB, Prefeitura Municipal de Aracaju, 1998.**

A Matinha está limitada ao Norte com residências do Bairro Industrial, ao Sul, com o terreno de propriedade de Ribeiro Chaves S.A, a Leste com a Avenida General Calazans e a Oeste com a Avenida Altamira. Ela é formada por treze (13) ruas, cada uma, em média, com 3,5m de largura. Três das suas ruas estão dispostas no sentido W-E, uma NE-SW e as demais na direção S-N. As ruas são representadas e denominadas por letras como, por exemplo: A, B, C, D, F, O e Y (Figura 2).

Figura 2  
A FAVELA DA MATINHA



FONTE: EMURB, Prefeitura Municipal de Aracaju, 1998.

A ocupação da favela ocorreu, segundo uns em 16/10/96 enquanto outros em 16/12/96. Alguns entrevistados informaram que “*o terreno era coberto por mato só servia para a marginalidade, depósito de dejetos e proliferação de doenças*”. Outros afirmaram que a localidade era considerada “*cemitério clandestino, pois quando estavam limpando esta área encontraram ossos de cadáveres humanos e muitas cápsulas de munição.*”

Os moradores da área, justificam o processo de invasão, explicam que não tinham poder aquisitivo para custear o aluguel mensal, muitos com dívida acumulada, desempregados, sem salário suficiente para pagar as despesas.

TASCHER define e confirma:

*“Invasão é uma solução para compatibilizar os ganhos com os custos de moradia e transportes”. (1986, p. 82).*

Na área da Matinha existem cerca de 292 famílias, algumas delas residiam anteriormente nos bairros Industrial, Santos Dumont e Cidade Nova. Sob o pretexto da necessidade urgente de habitação, os favelados invadiram a área e de imediato, ergueram seus barracos, utilizando o material disponível como sucata, madeira e plástico. Outros favelados vieram de municípios vizinhos, São Cristóvão, Nossa Senhora do Socorro e Capela, premidos pela falta de emprego vieram a Aracaju procurando sobreviver.

Segundo os ocupantes a área, agora, não é mais reduto de marginais, o que tranqüiliza a comunidade do Bairro Industrial, onde a mesma está inserida.

A vida dos moradores quando ocorreu a ocupação era dramática, calamitosa, pois as condições de sobrevivência eram difíceis, isto é, subumanas. Atualmente ainda existem sérios problemas e desafios a serem enfrentados pela comunidade. Um deles, está relacionado com o nível do terreno, pois é mais baixo que as áreas circunvizinhas, estando sujeito a constante alagamento contribuindo dessa forma para a proliferação do bicho de porco, caramujos, sapo de rabo e tantos outros insetos nocivos à saúde dos moradores. Muitos também ficaram desabrigados perdendo seus móveis e barracos, passando a conviver no espaço reduzido em barracos de vizinhos.(Foto 1)



Foto 1: Vista parcial da Matinha

O processo de ocupação na Matinha se deu de forma diferenciada tendo em vista que 68,5% dos favelados ocuparam a área na época da invasão (1996), enquanto outros tiveram acesso a área, entre 1997/1998. Uns moradores adquiriram o lote através de compra (15,8%) no valor, em geral, de 1.500 reais. A aquisição de outros foi através de doação (7,9%). Há os que adquiriram o lote em troca de eletrodomésticos, (3,9%). Com a favela praticamente ocupada, diminuiu grandemente a influência de novos moradores, raramente há venda ou troca de lotes. Há casos, mesmo poucos, de moradores que moram emprestados.

Não foi fácil, tranqüilo o processo de ocupação da área, os invasores, no início, entraram em conflito com a Polícia e o proprietário. Mas os ocupantes resistiram, defenderam seus pedaços de terra, enfrentaram ameaças de despejo, não temeram as pressões e intimidações. Em defesa da área os ocupantes tiveram a ajuda de representantes da comunidade, líderes políticos e integrantes do “Movimento dos Sem Teto”.

Invasores e representantes, reunidos com membros do “Movimento dos Sem Teto”, procuraram conhecer, em profundidade, a realidade da área, seus problemas e necessidades. A Secretaria de Ação Social da Prefeitura Municipal de Aracaju realizou, por sua vez, o levantamento sócio-econômico das famílias ocupantes da Matinha. Estudos e levantamentos confirmam que a maioria das famílias não tinha condição financeira para adquirir um imóvel e pagar aluguel. A invasão da área, é a única saída para indivíduos e famílias indigentes, carentes,

marginalizadas. Eles são produtos de conhecidas dificuldades econômicas e sociais e da ausência, por parte da União, do Estado e do Município, de efetiva política habitacional. As autoridades do Município de Aracaju, em particular, não conhecem o artigo nº 182 da Constituição Federal de 1998:

*“é da competência do poder público municipal a tomada de providências ou soluções imediatas, objetivando ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e garantir o bem-estar de seus habitantes”.*

A Secretaria Municipal da Ação Social apresentou soluções alternativas, juntamente com o Governo do Estado no sentido de amenizar as difíceis condições sócio-econômicas dos invasores da Matinha.

Apesar das promessas feitas e de alguns compromissos assumidos o Estado e o Município de Aracaju abandonaram os ocupantes da Matinha, logo ameaçados pelo proprietário do terreno que, por intermédio de Liminar concedida pela justiça da 3ª Vara Civil de Aracaju, em 18/03/1997, defende a reintegração de posse da área. Autorizado, na forma de lei, o despejo dos ocupantes da Matinha, a luta renasce, luta feita de revolta, de indignação. O comunicado do despejo, feito por um oficial de Justiça, aumenta o desespero dos ocupantes da Matinha, que promovem, de imediato, acampamento na Secretaria da Ação Social e, no sentido de sensibilizarem as autoridades, apelaram para a invasão da Prefeitura. Eles não foram recebidos pelo Prefeito, mas sim pela Polícia.

Ajudados pelos protestos de alguns vereadores e de entidades da sociedade civil, o Prefeito de Aracaju, forçado pelas circunstâncias, concorda em receber Comissão de representantes da comunidade, do Movimento Nacional de Luta pela Moradia (MLM) e de parlamentares. Concorde-se, em reunião do Prefeito com a Comissão, que a Prefeitura de Aracaju e o Governo do Estadual iriam comprar o terreno em questão. O Prefeito de Aracaju assumiu o compromisso, na oportunidade de visitar os moradores da Matinha.

Acompanhados de Assessores o chefe do município de Aracaju visita a Matinha, conversa com os moradores, ouve reivindicações, reafirma que o Governo do Estado, já com 145 mil reais para tal objetivo, iria adquirir a área questionada. A Câmara Municipal de vereadores de Aracaju, o Movimento Nacional de Luta pela Moradia e os Sem Teto continuam pressionando as autoridades. Finalmente

no dia 29/04/1997 o Prefeito de Aracaju assina o Decreto nº 111, para fins de desapropriação declara a área de interesse social.

Os jornais Gazeta de Sergipe, Jornal da Cidade e Diário de Aracaju destacam reportagens sobre a solenidade de assinatura do referido Decreto, relatam parte do pronunciamento do Prefeito João Augusto Gama:

*“a assinatura desse decreto representa um compromisso assumido com a população sem moradia de Aracaju.”*

*(Gazeta de Sergipe, 30/04/97)*

*E o Prefeito adianta:*

*“Além do assentamento faremos o trabalho de drenagem saneamento que aquela área precisa, porque a comunidade que está sendo cadastrada, não pode morar em condições subumanas.”*

*(Diário de Aracaju, 30/04/97)*

Alguns vereadores, após a assinatura do decreto de desapropriação da área prometem continuar a luta em defesa da Matinha, defendem o saneamento básico, cobram promessas e compromissos da Prefeitura de Aracaju com os moradores e as famílias da área. Os moradores da Matinha, na verdade, não vivem, sobrevivem, são eleitores, querem ser cidadãos. O líder do MLM, Giseldo Santos em entrevista, coloca problemas, faz cobranças:

*“Necessitamos urgentemente de drenagem e pavimentação, esperamos que essa atitude do prefeito(...)venha de encontro a essa reivindicação.” (Jornal da Cidade, 30/04/1997).*

Não existe em Sergipe uma política oficial de habitação para a comunidade carente, marginalizada. O governo estadual e municipal alegam falta de recursos para construção de moradias e urbanização das favelas e invasões. Mas os coordenadores do MLM contestam, criticam o Estado e o Município

que desperdiçam dinheiro em obras não prioritárias.

Dia 03/06/1997 os Sem-tetos realizam novos protestos na Capital aracajuana, ocupam o prédio da Secretaria Estadual de Ação Social, fazem manifestações em frente à Câmara Municipal e a Prefeitura de Aracaju. Eles querem uma política habitacional que beneficie a população de baixa renda.

Durante as manifestações os moradores da Matinha cobram do Prefeito a execução de obras de infra-estrutura da área, prometida no ato de assinatura do Decreto nº111/97, o que foi relatado por um dos líderes do MLM ao Jornal da Manhã:

*“...falta ainda toda infra-estrutura, como sistema de água tratada, energia elétrica e saneamento para que os favelados possam viver mais dignamente.” (30/06/97)*

Dia 31/12/1997 o Prefeito de Aracaju desapropria a área destinada aos invasores da Matinha. Retrato da desorganização administrativa da Prefeitura de Aracaju, após o Decreto nº 111/1997, que desapropria a área por interesse social, O prefeito edita o Decreto nº 16/1998, que tem o mesmo conteúdo e objetivo. O vereador Samarone menciona e critica o episódio em entrevista, na cidade de Aracaju ao Jornal da Manhã, (29/05/1998).

*As dificuldades dos moradores da Matinha não são pequenas, especialmente em 1998. O proprietário do terreno continua a sua luta junto à justiça, não abre mão da reintegração de posse, alega que a Prefeitura de Aracaju não efetuou, com base no combinado, o pagamento da parcela de 150 mil reais (Gazeta de Sergipe, 10/07/1999). O proprietário não descansa, move ação contra os moradores da Matinha, o que surpreende a todos. Giseldo Santos, coordenador do Movimento de Luta pela Moradia, questiona o proprietário, alega*

*que quem deve ao proprietário é a Prefeitura Municipal de Aracaju e não os ocupantes da Matinha.*

Dia 18/07/1999 o Prefeito de Aracaju tranquiliza os ocupantes da Matinha, reafirma que eles devem permanecer na área, pois a Prefeitura já efetuou o pagamento de uma parcela, estando 40 mil reais à disposição da justiça. Mas o coordenador do MLM e o representante da Associação Produtiva dos Moradores e Amigos da Matinha contestam o Prefeito de Aracaju, afirmam que a prefeitura ainda não fez o pagamento do terreno. Eles solicitaram o comprovante do depósito junto a Secretaria de Finanças e não foram atendidos.

*O Governo do Estado não cumpriu sua parte no acordo nascido com a Prefeitura de Aracaju e os moradores da Matinha. Resultado, como foi a Prefeitura que decretou a desapropriação da área, ela teve que assumir todo o montante da dívida. É a explicação, em 9/8/1999 do vereador Alcivan Menezes, líder do Prefeito de Aracaju na Câmara dos Vereadores. Para a execução de obras de infra-estrutura urbana o Estado assumiu o compromisso com a Prefeitura de Aracaju de cerca de 40 milhões de reais, porém só repassou 11 milhões. Daí o paradeiro das obras, inclusive na favela da Matinha. Afirma em 9/8/1999 o vereador Samarone que o Prefeito João Augusto Gama já havia efetuado o pagamento de duas parcelas, no valor de 42 mil reais. Sabe-se que a Prefeitura de Aracaju ainda deverá saldar cinco parcelas, no valor de 21 mil reais cada.*

## A população da Matinha e seus deslocamentos

Os movimentos de populações dentro de fronteiras geográficas bem definidas são denominados de migrações. Essa mudança pode ser permanente ou, simplesmente, depende das causas que influenciam tais deslocamentos.

Não importa a duração, nem tampouco o grau de dificuldade porque cada um passa, todo movimento migratório implica um lugar de origem e outro de destino, além dos obstáculos que dificultam os deslocamentos.

O descontentamento dos trabalhadores, motivados pelas precárias condições de vida nos municípios de origem decorrentes da escassez de trabalho e concentração de terra, impulsiona fluxos migratórios em direção às cidades, fluxos estudados por SANTOS:

*“...As migrações resultam da interação e balanço entre fatores de expulsão da área de origem e fatores de atração da área de destino.” (1980)*

Os fatores de atração da área de destino nem sempre são fortes, dominantes. Importa sempre, antes de vivenciadas as vantagens e desvantagens dos deslocamentos, o conhecimento real, efetivo da área de origem e da área de destino. A decisão de migrar nem sempre é consciente. Os que migram nem sempre chegam a tal decisão por si mesmo. A verdade é que as esposas acompanham os maridos, as crianças são levadas pelos pais, os adolescentes são motivados por parentes ou amigos. As migrações são importantes. Importantes na Geografia. Importantes na História. Elas influem na composição, evolução e distribuição das comunidades urbanas, desafiam governantes e governados.

Falar em migração é falar em economia e política, em propriedade e salário. A economia afeta diretamente a migração, os homens e as famílias nelas envolvidos. O processo migratório não é linear, é complexo, são diferentes as condições econômicas e sociais que a estimulam e motivam. DURHAM escreve e ensina:

*“...a migração se apresenta como uma tentativa de “melhorar de vida”, isto é, de restabelecer, em nível mais alto, o equilíbrio entre as necessidades socialmente definidas e*

*a remuneração do trabalho. Assim como a migração é motivada por insatisfações que são sentidas sobretudo na esfera econômica, é a possibilidade de vir a obter uma colocação satisfatória, isto é, que preencha ou venha a preencher, pelo menos em parte, as aspirações do migrante, que condiciona todo o processo de integração na zona urbana, ou determina, ao contrário, o retorno.” (1978, p.145)*

A cidade despreparada para receber contingente significativo de migrantes cresce desordenadamente. Por falta, em nível de Estado e Município, de política habitacional, sem planejamento no sentido de atender às necessidades básicas da população residente e da população migrante, domina a urbanização artificial, postiça, urbanização que multiplica os problemas em vez de resolvê-los. A crise nacional, econômica, política e social castiga a população, que enfrenta o desemprego e o subemprego. Parte dos trabalhadores, sem dinheiro e sem salário apela, principalmente nas Capitais, para invasões e favelas, as quais, embora ilegais, integram a estratégia de sobrevivência. Para quem não tem dinheiro para comprar uma casa ou terreno a solução no desemprego, é a invasão e a favela.

É importante diferenciar a invasão da favela. *Invasão* significa “*entrar hostilmente, ocupar por força*”. *Favela*, segundo HOLANDA “*é um conjunto de habitações populares toscamente construídas e desprovidas de recursos higiênicos*”. (1971, p. 615).

Críticos do sistema urbano apontam os migrantes como responsáveis pelos grandes problemas das cidades,. É o caso de SINGER:

*“... os pobres são os responsáveis devido ao comportamento reprodutivo e migratório”.*  
(1973, p.119).

A migração interna brasileira é permanente, irregular, intensa, fenômeno estudado há bastante tempo, ANDRADE confirma:

*“A migração no Nordeste brasileiro é um fenômeno existente há bastante tempo, sendo que nas últimas décadas, os movimentos populacionais estão se tornando mais freqüentes no nosso país.”*(1980, p.13).

Em Sergipe, a partir da década de 40 é acelerado o processo de urbanização, estimulado por fluxos migratórios, que se observa através dos Censos Demográficos de 1950, 1960, 1970, 1980 e 1996. (Tabela 1)

**Tabela 1**  
**POPULAÇÃO URBANA DE ARACAJU**  
**1950 - 1996**

<b>ANO</b>	<b>HABITANTES</b>
1950	57.539
1960	112.516
1970	179.276
1980	286.934
1996	428.676

**FONTE: INEP, Anuário Estatístico de Sergipe, 1976 – 1996.**

Aracaju, a capital de Sergipe, apresenta grande concentração de riqueza e de renda, que a distancia do restante do Estado. Resultam assim profundas disparidades regionais, constatadas por DINIZ:

*“... Aracaju, que é sem dúvida o núcleo mais bem equipado, apresenta elevados índices de inchação e de marginalidade social.”* (1978).

O crescimento da população de Aracaju é decorrente, em grande parte de fluxos migratórios, que se somaram ao crescimento vegetativo. Os migrantes procuram Aracaju devido ao *efeito expectativa*. É a ilusão de encontrar emprego, moradia e trabalho, processo que se acentua a cada ano, favorecido pelos meios de transporte e comunicação

O crescimento do sistema do transporte rodoviário, a concentração fundiária, as novas relações de trabalho e a implantação de indústrias, explicam a crescente concentração das atividades econômicas e sociais na Capital. O aumento das migrações acelera o crescimento e a ocupação desordenada da cidade, multiplica os problemas, agrava o déficit de habitações.

O alto custo de vida leva a classe trabalhadora às zonas periféricas das cidades. A zona Norte, em Aracaju, é a mais procurada pelos migrantes. É onde existe a maior concentração de invasões. RIBEIRO explica:

*“Grande número de trabalhadores, devido ao baixo poder aquisitivo de seus salários, só consegue prover moradia a si próprio e a suas famílias em áreas que, por sua distância e carência dos equipamentos e serviços urbanos, tiveram valorização relativa menor...” (1989, p.38).*

O problema habitacional de Aracaju é tão sergipano, quanto nordestino e nacional. O país não possui uma política habitacional. Sergipe sofre as conseqüências de antigos e irresolvidos problemas. Os migrantes que, com suor e esperança, procuram Aracaju, vêm do interior do Estado, outros são procedentes de Alagoas, da Bahia e Pernambuco, até do Espírito Santo e Brasília, vítimas, todos eles de governantes insensíveis, impatrióticos, omissos. Desnecessário será dizer que é da área rural que vem o maior número de migrantes, no caso da Matinha há também migrantes de bairros da capital. Figuras 3 e 4.



Figura 4

SERGIPE

FLUXOS MIGRATÓRIOS PARA A MATINHA



FONTE: Trabalho de Campo – autoras, maio/99.

Observa-se que 46,0% dos residentes na Matinha já moraram em bairros da capital sergipana, 36,0% vieram de municípios sergipanos, os demais são de outros Estados da Região Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste do País. Há moradores que têm origem na área urbana, há outros que vêm da zona rural. (Tabela 2)

**Tabela 2**  
**NATURALIDADE**

LOCAL	TOTAL	%
Aracaju	35	46,0
Interior de Sergipe	27	36,0
Alagoas	08	11,0
Bahia	03	4,0
Brasília	01	1,0
Espírito Santo	01	1,0
Pernambuco	01	1,0
<b>TOTAL</b>	<b>76</b>	<b>100</b>

**FONTE:** Trabalho de Campo – as autoras, maio/1999.

Causas várias, complexas explicam a migração intra-urbana para a Matinha. A maioria migra: a) porque não tem casa própria, b) porque não pode pagar aluguel. Há os residentes que desejam ficar mais próximos de centro comercial de Aracaju. Eles assim minimizam o custo de transporte, diminuem o desgaste físico, estão mais perto do local de trabalho. Existem, moradores que foram à Matinha para, assim, ficarem mais próximos de parentes e amigos.

### Condições Sócio-Econômicas

A pobreza e a dramaticidade da Matinha não são novas nem originais em Sergipe. Acontece o mesmo no Nordeste e em todo o País, que exibem o drama e a perplexidade das zonas periféricas, agredidas pelo descaso e a omissão dos Governos. Predominam na Matinha, como em toda zona periférica, infra-estrutura precária, que reflete, baixa e humilhante qualidade de vida.

Os moradores da Matinha querem viver, aprendem a sobreviver. Os barracos

e casas diferem na sua construção, obra de cada um e de todos. Os moradores, na construção, usam e aproveitam tudo, papelão, madeira, placas, compensados. Parentes e amigos ajudam na obra, o material usado, sobra de construções próximas, é logo aproveitado. Na medida em que o morador melhora de vida, a moradia sofre modificações, é melhor dividida, as paredes alteradas, as portas têm melhor acabamento, tudo é mudado, da cobertura ao piso. A observação direta e a tradição condicionam a técnica da construção. A maioria das construções é considerada sub-habitação que, de acordo com EPSTEIN, (1976), reúne pelo menos três características:

- 1) Construção rude, em madeira ou material de baixa resistência;
- 2) Instalações sanitárias precárias;
- 3) Teto feito de material impróprio;
- 4) Piso de terra;
- 5) Ausência de energia elétrica;
- 6) Falta de água tratada ou encanada;
- 7) Pouco espaço infra-residencial.

Percebe-se analisando o piso utilizado na construção, que mais da metade, ou seja 67,1% das moradias, é de cimento, demonstrando que o morador não quer conviver com o piso de terra batida, que serve à umidade e estimula doenças. Há barracos piores do que outros, são 26,3% os que usam piso de terra batida. Barracos assim apresentam péssimas condições de moradia e higiene, indicam a baixa renda de seus ocupantes. Nas melhores casas da Matinha(6,6%) são encontradas piso de cerâmica.

É maior o número de casas construídas com madeira, cerca de 38,2%, enquanto que as de alvenaria representam 34,2%. As casas construídas de diversos materiais, plástico, papelão, etc... são 27,6% delas. Conclui-se, de qualquer forma, que ainda são difíceis, precárias as condições de vida dos moradores. Lutam todos pela sobrevivência. Não é por acaso que a telha comum só existe em 43,4% das casas, seguidas pela de amianto, 29% das casas, menos resistentes do que a outra e as demais misturam os materiais que possuem para cobrir seu barraco.

A maior parte das moradias tem apenas um cômodo, dividido por cortina ou madeira transformado, assim em quarto e sala, mas sem instalação sanitária. O estado de conservação da maioria é péssimo, reflexo das condições econômicas de cada ocupante (Foto 2). A solidariedade domina entre os moradores, da construção ao uso e conservação dos barracos. Mas, como exceções, existem moradias bem construídas e bem conservadas, contam com alvenaria, piso de cerâmica, telha comum e dispõem de 2 a 3 cômodos.



Foto 2: Condições precárias de moradia.

Os barracos em geral, têm quintal, área suficiente para aumentar a casa e reservar local para as crianças brincarem. A falta de dinheiro e a limitação cultural não estimulam a melhoria da habitação. O seu grande sonho é ter uma casa seja de qualquer tipo, razão porque muitos moradores da área assim se expressam:

*“...Sei que vou morrer e não consigo construir minha casa de tijolos...”*

*“...Eu não pago água, luz e aluguel desde que vim morar aqui, mas ainda não consegui construir minha casa,... o dinheiro está cada vez mais curto...”*

Há aqueles que desejam casa própria, mas têm tem receio de construí-la, inseguros quanto à posse do lote.

*“... Tenho vontade de construir a minha casa, mas tenho medo do Prefeito passar a máquina como fez no mercado e eu perder o dinheiro...”*

As famílias na Matinha apresentam prole que varia de 2 a 5 membros, os adultos representam 54,5%, enquanto que as crianças perfazem cerca de 45,5%. Há o predomínio de 53% do sexo feminino, o masculino conta com 47%. (Tabela 3)

**Tabela 3**  
**COMPOSIÇÃO DA FAMÍLIA**

Composição das Famílias	Total de Entrevistados	Feminino	%	Masculino	%	Adulto	%	Criança	%
- 2	06	01	0,36	05	1,8	06	2,2	-	-
2 - 5	49	82	29,6	71	25,6	92	33,2	59	21,3
5 - 10	21	64	23,1	54	19,5	53	19,1	67	24,2
<b>TOTAL</b>	<b>76</b>	<b>147</b>	<b>53,0</b>	<b>130</b>	<b>47,0</b>	<b>151</b>	<b>54,5</b>	<b>126</b>	<b>45,5</b>

**FONTE:** Trabalho de Campo – as autoras, maio/1999.

Entre os entrevistados 11,8% exercem atividade formal (merendeira, agente comunitário, etc.), 21% estão no setor informal (biscateiros, faxineiras, vendedores de frutos do mar, etc.). Verifica-se, contudo, em escandalosa constatação, que os desempregados representam 64,5% dos moradores. Morar na favela, assim não é opção, é a única maneira de sobreviver. Cerca de 1,3% dos moradores são aposentados e 1,3% são pensionistas.

O homem, a esposa, os filhos, todos trabalham. Boa parte das famílias ganha um salário mínimo, 30% deles percebem menos. Cerca de 25% dos moradores ganham até ½ salário mínimo. Há os que, sem nenhuma renda, sobrevivem através das doações de parentes e amigos. Apesar das conhecidas dificuldades dos moradores, existem em grande número de moradias, rádios, televisores, geladeiras, video cassetes. Dir-se-á que tais produtos não perdem, em importância, para as necessidades básicas (Tabela – 4). Afirma CAMARGO:

*“Para a maior parte da classe trabalhadora, o novo padrão de vida vem implicando no sacrifício de necessidades tão essenciais como a alimentação, saúde, higiene e o vestuário.”*  
(1976, p.77).

**Tabela 4**  
**EQUIPAMENTOS ELETRODOMÉSTICOS**

EQUIPAMENTOS	TOTAL	%
Rádio	69	35,2
Televisão	61	31,1
Geladeira	57	29,1
Vídeo	08	4,1
Antena parabólica	01	0,5
<b>TOTAL</b>	<b>195</b>	<b>100</b>

**FONTE:** Trabalho de Campo – as autoras, maio/1999.

A invasão da Matinha é relativamente recente, mas há contraste entre as moradias. Há antena parabólica em uma das residências, a mais estruturada da área com 2 andares. Mas ao lado aparecem casebres sem nenhuma condição de higiene, construção precária, espaço reduzido para comportar uma família.

A maioria dos ocupantes da Matinha vive diária e permanente dificuldades, mas há grande preocupação com o conhecimento, instrumento eficaz no melhoramento da qualidade de vida. Todos têm consciência de que a instrução ou qualificação profissional do indivíduo é fundamental à sua ascensão na sociedade. Cerca de 67,1% dos entrevistados têm o ensino fundamental incompleto, concluído por 10,5% deles. É de 6,6% o número dos que concluíram o ensino médio. Há, na comunidade, 9,2% de analfabetos.

Os filhos dos entrevistados cursam, em sua maioria, o ensino fundamental. Jovens de 6 a 13 anos de idade, 29,2% deles, estão no curso infantil, 8,5% não estão na idade escolar adequada. Apenas 2,9% com idade de 17 anos ou mais cursam o ensino médio, prejudicados pelos horários de trabalho e até mesmo a falta de apoio. Sabido que 23,4% dos filhos dos entrevistados não estão na escola, não é fácil ser otimista em relação ao amanhã.

Apesar de localizada no Bairro Industrial, dos mais antigos de Aracaju, a Matinha não dispõe de escolas e policiamento eficiente. Os moradores são beneficiados por escolas e serviços situados fora da Matinha, usam, no Bairro Industrial, Escola de 1<sup>o</sup> Grau José Augusto Ferraz, Escola Municipal Maria da Glória Macedo e os Postos de Saúde, Dona Jovem e João Paulo II. Os moradores da Matinha usam igualmente, o Posto de Saúde localizado na rua de São João no bairro Santo Antônio.

A Matinha não conta com policiamento certo, regular, serviços policiais como o da Cavalaria e das Rondas Policiais são feitos quando há solicitação dos moradores. A área enfrenta, do mesmo modo, o problema do transporte, apesar de localizada, há 200 metros, o Terminal do Sistema Integrado de Transporte (SIT) da Zona Norte. Muitos moradores por falta de recursos financeiros, vão a pé para o trabalho.

As condições sanitárias e higiênicas da Matinha são péssimas, suas ruas não têm pavimentação, valas escorrem a céu aberto na frente das casas e nos quintais. As necessidades fisiológicas são feitas em ambientes e locais inadequados.

A área não conta com sistema de abastecimento de água. São poucos os barracos - e casas - que têm água canalizada, mesmo assim de forma clandestina, através de ligações em residências do Bairro Industrial, sendo os proprietários

ressarcidos através da prestação de serviços (lavagem de roupas, faxinas, etc.), por parte do usuário. Existe torneira nas proximidades da Avenida General Calazans, os moradores retiram a água através de baldes e latas.

A iluminação é precária, feita por gambiarras, o tradicional *gato*. Segundo os moradores, quando chove ocorrem curtos circuitos na rede elétrica provocando a queda do fornecimento e problemas nos aparelhos eletrodomésticos existentes.

O governo não beneficia a área, não se sensibiliza com os problemas, só atua, mesmo precariamente, à época das eleições. É comum aparecerem, nas áreas periféricas, placas que anunciam obras nem sempre realizadas. (Foto 3)



Foto 3: Placa mostrando o beneficiamento da área

Apesar das placas e promessas, principalmente em 1998, o projeto referente à drenagem e pavimentação das ruas não foi executado. As autoridades explicam, sem convencer, que o Governo do Estado não repassou os recursos necessários. Mas a Prefeitura de Aracaju volta a prometer que, com ou sem repasse financeiro, as obras serão realizadas.

O volume e a aplicação dos recursos públicos não obedecem a planos e prioridades, estão sujeitos a pressões direta ou indireta das comunidades. As chamadas áreas privilegiadas, prioritárias dos administradores, não são as áreas periféricas, populares, as mais sofridas, sacrificadas.

Não é igualmente satisfatória a situação da saúde. Não existe Posto de Saúde no local, até o centro de atendimento médico vizinho a Matinha foi fechado.

É o descaso de sempre em relação aos pobres, aos carentes, aos necessitados. NAJAR analisa e ensina:

*“Sabemos que apenas a promoção de medidas assistenciais não resolve os problemas de saúde. Contudo é necessário reconhecer que para algumas situações, a existência de serviços públicos se torna obrigatória como DIREITO. Nesse aspecto a situação brasileira é lastimável tanto em termos de medidas preventivas como em termos da assistência curativa.” (1987, p. 42).*

De acordo com os moradores foram registrados casos de dengue, verminoses, dermatites, infecções intestinais e pulmonares e outros tipos de doenças, principalmente atacando as crianças, obrigadas a conviver com a inundação e a sujeira.

Vale salientar trabalho de Agente Comunitário de Saúde junto aos moradores, informando e encaminhando doentes aos diversos postos de atendimento da Capital. A coleta de lixo tem sido regular, a carroça passa, na área, três vezes na semana.

As associações de conservação e defesa da Matinha, têm problemas, não agem unidas, solidárias, não mobilizam devidamente os moradores. Um dos entrevistados argumenta convicto, convincente:

*“... Não sei porque duas associações brigando pela mesma coisa ... não era melhor se unir para ver se melhorava isso aqui...”*

A presidência da Sociedade de Defesa do Bem-Estar Social dos Moradores da Matinha defende seu trabalho, vê a crítica como inaceitável. Ela explica que a maioria dos membros da comunidade não efetua o pagamento da taxa de manutenção nem participa, tampouco, das reuniões. Mas, quando os políticos enviam donativos, os moradores comparecem às reuniões da comunidade.

O presidente da Associação Produtiva dos Moradores e Amigos da Matinha, também atuante no MLM, informa que a Diretoria tem reunião de 15 em 15 dias

com a comunidade, realiza Assembléia Geral a cada 90 dias. Em casos de emergência, há reunião extraordinária. A associação dos Moradores tem problemas financeiros e sociais, os associados não pagam as taxas devidas, eles entendem, em seu paternalismo, que é o poder público e não eles que devem sustentar a associação.

Não é pequena a luta do presidente da Associação dos Moradores e Amigos da Matinha. Há muitos, por exemplo, que, com o apoio dos companheiros, defende a posse do terreno ocupado pela comunidade. Há outros, contudo, voltados para o assistencialismo. Os problemas aumentam, agravados a medida que não são resolvidos. O poder público, Estado e Município, permanece sem uma política para o setor.

Há, na Matinha, problemas prioritários e problemas secundários. Moradores entrevistados apontam, pela ordem, problemas e dificuldades: a) falta de saneamento preocupa 53,2% dos moradores; b) a falta de energia é a dor de cabeça de 18,7%; c) a violência mete medo a 17,8%; d) a falta de emprego é a preocupação maior de 10,3% dos moradores.

Existe dificuldades, sofrimentos, vexames, mas a maioria dos moradores da Matinha não tem o que fazer, para onde ir. Resultado, é inevitável a permanência na Matinha. O depoimento sentido, sofrido da maioria dos moradores fala por si mesmo:

*“Não tenho outro lugar...foi aqui que consegui meu barraco...”*

*“...Até o último suspiro, porque pelo menos aqui eu peguei, é meu, não pago água, nem aluguel e com a ajuda da família vou sobrevivendo...”*

*“...Aqui é um lugar bacana onde eu vou conseguir construir a minha casa com ajuda ou sem ajuda dos prefeitos e dos governadores”.*

*“Pagava aluguel e Deus me deu essa força e agora estou aqui, não saio mais, só no dia que Deus quiser.”*

Mas, há os mais insatisfeitos, inconformados, os que não querem continuar na Matinha:

*“...Parece cemitério, vejo muita gente fumando...gostaria de morar no*

*"...Não me acostumo com a bagunça principalmente quando chove..."*

O que é preciso para a Matinha mudar, crescer, ficar melhor, habitável, humana? Os moradores, em geral, querem pouco, apelam para o poder público, apesar dos mal tratos, têm esperança no Prefeito de Aracaju.

*"...é bom o prefeito agir, que não dê casa, mas faça a drenagem e a pavimentação."*

Sensíveis, despolitizados, os moradores da Matinha não raciocinaram em termos de povo, de Estado, e de Nação. A Nação e o Estado têm sido violentos e ingratos com eles. Eles, de qualquer modo, olham para a frente, vêem o amanhã, enxergam o futuro. A cabeça e o coração deles estão ligados na casa, no trabalho, na família, nos filhos. Desse modo, afirmam, depõem:

*"Ver as filhas moças, estudar e ter a casa de bloco e botar tudo dentro, pra mim já vou ter tudo".*

*"Construir a casa, com andar, para os filhos ficar morando quando eu morrer..."*

*"Construir a casa, arrumar um trabalho digno que possa sustentar minha família e dá uma vida digna (boa alimentação, educação e remédios) para meus filhos"*

A existência da Matinha prova que o indivíduo, não só em Sergipe, continua sem direito ao salário, à moradia, à educação, à saúde e ao lazer. Os governantes, em geral, continuam a desrespeitar a Constituição. Isso, contudo, não revolta, os carentes, desempregados, injustiçados. Os moradores da Matinha, em geral, ainda têm esperança. Mas, um dos moradores não esconde sua dor, doente e desiludido, há três anos desempregado, ele desabafa:

*"Não tenho mais futuro, agora é só morte. Tinha futuro se pudesse construir uma casa aqui para deixar para o filho, mas não posso".*

## Considerações Finais:

No decorrer da segunda metade da década de 70, os movimentos reivindicatórios urbanos ganham destaque político, estão organizados, lutam por luz, água, saúde, salário, melhoria nos transportes, e posse da terra (favelas e invasões). Eles gritam e brigam por melhores condições de vida.

O Estado, através do Sistema Financeiro de Habitação – SFH – financia, a aquisição de casa própria pela população de baixa renda. O Governo faz assistencialismo. O poder público, União, Estado e Município, não possui uma política habitacional, não está preocupado com a população pobre. Não é por acaso que o Presidente José Sarney, a serviço de interesses menores, extingue o Banco Nacional da Habitação (BNH). O problema habitacional está ligado à crise econômica, política e social da sociedade brasileira. Não é possível, a partir das Capitais, fazer casa para o povo quando a maioria da população não tem renda para comprá-la. Cresce, em todo o país, o déficit de moradia.

Não se adquire imóvel sem renda e sem salário. Não há renda nem salário, porém não desaparece a vontade de ter casa, o desejo de morar. Emerge, assim, o problema das invasões elas atentam contra a urbanização. As invasões, contra a lei, são drama político, tumulto social, estímulos à violência, à doença, ao crime e à fome. As invasões contraditoriamente, são produtos da insensibilidade e incompetência dos governantes, os moradores não são réus, são vítimas.

Não é possível, na Matinha, vida confortável, humana, digna, ela ignora, a partir de ZAMBONI & TAMAKI, que:

*“O direito de habitar é o direito de viver”.*

A Matinha não é vida, é sobrevivência amarga, desesperada de gente pobre, desempregada, marginalizada. Os moradores podem, no máximo, ser eleitores, não são cidadãos. É por isso que os governantes, sem espírito público, estimulam invasões, convivem com elas. A Matinha é estímulo à luta, a possibilidade de outras e novas reivindicações. O debate e o protesto ensinam a lutar. Lutar contra a injustiça. Lutar por melhores dias. A luta é ingrediente da cidadania. Cidadania é ser livre, é viver com dignidade.

## BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Manoel Correia de. **A Terra e o Homem no Nordeste.** Brasiliense, São Paulo, 1980.

CALMON, Jorge. **As Estradas Corriam para o Sul: Migrações Nordestina para São Paulo.** EGBA, Salvador, 1998.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A Cidade.** Contexto, São Paulo, 1992.

COSTA, Manoel Augusto. **Migrações Internas no Brasil.** IPEA, Rio de Janeiro, 1971.

DURHAM, Eunice R. **A Caminho da Cidade.** 3ª ed., Ed. Perspectiva, Coleção Debate, 1978.

FLEURY, Sônia (Org.) **Saúde e Demografia a Luta do CEBES.** Lemos Ed., São Paulo, 1997.

FIGUEIREDO, Ariosvaldo. **História Política de Sergipe, / I Vol.** Edição do Senado, Brasília, 1986, p. 126.

FRANÇA, Vera Lúcia A. **Aracaju: Rumo a uma Feição Metropolitana.** In: **Capítulos de Geografia Nordestina.** NPGeo- UFS, Aracaju, 1998.

\_\_\_\_\_ **Aracaju, Estado e Metropolização.** Tese de doutorado, NPGeo/UNESP, 1997.

GONÇALVES, Maria Flora (Org.). **O Novo Brasil Urbano, Impasses, Dilemas, Perspectivas, Mercado Aberto.** 1995.

GADELHA, R. Fonseca M. **A Globalização, Metropolização e Políticas Neoliberais.** EDUC. SP, 1997.

KOWARICK, Lúcio. **A Espoliação Urbana.** 2ª ed., Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1979.

LOUREIRO, Kátia A. S.. **A Trajetória Urbana de Aracaju em Tempo de Interferir**. Aracaju, INEP, 1983.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Constituição Federal do Brasil**. Brasília: MEC, 1988.

MOURA, Hélio A. de, (Coord.). **Migração Interna**. Textos Seleccionados, BNB, Fortaleza, 1980.

NAJAR, Alberto Lopes, MELAMED, Clarice et alli. **O Plano Nacional de Saneamento: As Desigualdades Encobertas in Espaço e Tempo**. 2ª ed., FASE, Rio de Janeiro, 1987.

PAVIANI, Aldo. **Disparidades Regionais Envolventes: Problemas Regionais ou Nacionais?** Revista Geonordeste IV-Nov, UFS-SE, 1987.

PORTO, Fernando de F. **"A Cidade de Aracaju 1855-1865, Ensaio da Evolução Urbana"**. Estudo Sergipano II, Aracaju, 1945.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARACAJU. **Relatório do Levantamento Sócio-Econômico das Pessoas que Ocuparam o Terreno na Travessa Altamira, no Bairro Industrial**. Secretaria Municipal de Ação Social/Divisão de Plantão Social, Fevereiro/1997.

RIBEIRO, Neuza Maria G. **Condições de vida da população do Bairro Santos Dumont**. NPGEU – UFS, Aracaju, 1998.

\_\_\_\_\_ **Transformações do Espaço Urbano: O Caso de Aracaju**. FUNDAJ, Editora Massangana, Recife, 1989.

SANTOS, Adelci Figueiredo. **Contribuição ao Estudo do Processo Migratório em Sergipe**. Tese de Livre Docência, Aracaju, 1976.

\_\_\_\_\_ **Invasões, Favelas e Desfavelamentos em Aracaju**. In: **Capítulos de Geografia Nordestina**. NPGEU-UFS, Aracaju, 1998.

\_\_\_\_\_ et alli **São Conrado, um bairro periférico na zona sul de Aracaju**. in anais do Encontro Nacional de Estudos sobre o Crescimento Urbano, Fundação Joaquim Nabuco. Recife, 1997.

**População Brasileira: Estrutura, Conflitos e Planejamento.** Série Didática I, Cadernos Sergipanos de geografia, UFS – NPGeo, AGB/Aracaju, 1986.

*et alli.* **A Favela do Japãozinho: Estrutura e Condição de Vida.** Revista GeoNordeste, Ano VI e VII, Editor UFS, 1989 e 1990.

SILVA, José Borzacchiello. **Ceará: os movimentos migratórios, o homem sem terra e a marginalidade urbana.** Geonordeste, UFS, Agosto/1984.

SINGER, Paul. **Economia Política da Urbanização.** CEBRAP, São Paulo, 1973.

STOTZ, Eduardo N. **Baixos Salários, Pouca Saúde – os Males do Brasil.** *In Espaço e Tempo.* Rio de Janeiro, 1988.

TASCHER, Susana P. **Favelas, Fatos e Políticas.** *In: Espaços e Debates.* Ano 6, 1996.

VALLADARES, L. do P. (organizador). **Habitação em Questão,** São Paulo, Zahar Editores, 1981.

## **Jornais**

**DIÁRIO DE ARACAJU,** Aracaju, 1997.

**GAZETA DE SERGIPE,** Aracaju, 1997 & 1999

**JORNAL DA CIDADE,** Aracaju, 1997.

**JORNAL DA MANHÃ,** Aracaju, 1997 & 1998.

## ABSTRACT

The slum of Matinha, placed in the Industrial Neighborhood, North zone of the city of Aracaju is constituted by the most suffered portion and pauper of the population that it portrays the terrible survival conditions the one that are submitted, harnessed to the dispossess process and social exclusion, doing with that become migrants in potential objectifying the right of living worthily in order to rescue its citizenship usurped.